

Editorial

PROCESSO VIDA OU MORTE DURANTE PANDEMIA POR COVID-19 NO BRASIL

MARCO ORSINI¹; CARLOS EDUARDO CARDOSO²; JACQUELINE FERNANDES NASCIMENTO³;
VICTOR HUGO BASTOS⁴; SILMAR TEIXEIRA⁴

¹Médico e Professor Adjunto da Universidade de Vassouras e Universidade Iguazu; ²Universidade de Vassouras; ³Acadêmica de Medicina da Universidade Iguazu; ⁴Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAR.

Existem atores, que não cabe citá-los nesse editorial, que de forma catastrófica e desastrosa protagonizam e “agudizam” seu discurso natural e simplório sobre o adoecimento e a morte. Escutamos diariamente relatos que na história da humanidade as pessoas não param de morrer; que a morte é um processo natural e anda em linha tênue com a palavra vida. Verbalizações sobre torturas físicas, sociais e raciais são comumente tratadas como questões históricas e comuns. Será que parte da nossa sociedade busca uma banalização da morte como um processo de defesa psíquica, já se adiantando a um mal pior ou realmente possuem extrema insensatez durante essa pandemia? Não podemos encarar indivíduos como números e/ou estatísticas. Em meio a Pandemia por COVID-19 assustamo-nos com a prova de banalização da morte – as pessoas parecem não escandalizarem-se com ela.

Uma epidemia não pode ser sinônimo de conformismo. O Brasileiro passa a lidar com certa naturalidade e descompasso humano com a brutalidade de cenas, dos choques psíquicos e com as informações midiáticas. É notório e óbvio que o processo nascer e morrer é natural e inerente a todos os seres-humanos; mas não é essa a crítica que fazemos. Esse “trato” com o processo de morte durante a pandemia por COVID-19 parece estar incorporando-se em nosso “tecido social” – dizemos até que tornou-se uma epidemia nacional. Do dia para a noite famílias carregam seus parentes aos Hospitais e dias depois possuem alguns minutos, quando lhes é ofertado, para uma diminuta prece ou homenagem. Não ficamos indignados com questões várias que envolvem esse processo; nos preocupa o que realmente cada brasileiro carrega do lado esquerdo do seu peito. Vemos, naqueles momentos de médicos, a “brutalidade” diante de nós. Homens que não querem se separar de familiares sendo contido nas emergências dos hospitais. Nos tornamos uma sub-raça? Hoje, infelizmente, a morte parece não ter a mínima relevância.

Finalizamos esse editorial alertando que não possuímos qualquer viés político ao descrever o que acontece no cotidiano do Brasileiro. Precisamos cuidar de nós, só um pouco. Precisamos sair adiante em busca de solidariedade. Por vezes nos pegamos chorando pelo nosso povo com idéias que ruminamos. Existe alguma linha de raciocínio pleno relativo à limpeza social de população supérflua? Que população seria essa? Está sendo construindo um senso comum do excesso populacional, economicamente supérflua e socialmente sem raízes? Nosso povo realmente mudou ou sempre banalizou tais fatos?

Todo fim na história constitui necessariamente um novo começo; esse começo é a promessa, a única mensagem que o fim pode produzir. “O homem foi criado para que houvesse um começo”, disse Agostinho. Cada novo nascimento garante esse começo: ele é, na verdade, cada um de nós. (Arendt, 1990: 531)

ARENDR, H., 1990. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Life and death process during the COVID-19 pandemic In Brazil

There are actors, whose quotation in this editorial is not necessary, who in a catastrophic and disastrous way lead and “sharpen” their natural and simple speech about illness and death. We hear daily reports that in the history of mankind people do not stop dying; that death is a natural process and walks in fine line with the word life. Verbalizations about physical, social and racial torture are commonly treated as historical and common issues. Does part of our society seek to trivialize death as a process of psychic defense, already anticipating a worse evil, or do they really have extreme folly during this pandemic? We cannot see individuals as numbers and/or statistics. In the midst of the COVID-19 Pandemic, we are frightened by the evidence of trivialization of death - people seem not to be scandalized by it.

An epidemic cannot be synonymous with conformism. The Brazilian begin to deal with a certain naturalness and human mismatch with the brutality of scenes, psychic shocks and media information. It is notorious and obvious that the process of being born and dying is natural and inherent to all human beings; but that’s not our criticism. This

“deal” with the death process during the COVID-19 pandemic seems to be incorporating itself in our social fabric - we say even that it has become a national epidemic. From day to night, families take their relatives to the Hospitals and days later they have a few minutes, when it is offered to them, for a small prayer or tribute. We are not outraged at the various issues surrounding this process; We are concerned about what each Brazilian really carries on the left side of his/her chest. We see, in those doctor’s moments, the “brutality” before us. Men who do not want to be separated from family members being restrained in hospital emergencies. Have we become a sub-race? Today, unfortunately, death does not seem to matter at all.

We end this editorial by warning that we do not have any political bias when describing what happens in the daily life of the Brazilian. We need to take care of ourselves, just a little. We need to move forward in search of solidarity. Sometimes we find ourselves crying for our people with ideas that we ruminate. Is there a full line of reasoning regarding the social cleansing of superfluous populations? What population would that be? Is a common sense of overpopulation being built, economically superfluous and socially without roots? Have our people really changed or always trivialized such facts?

Every end in history necessarily contains a new beginning; this beginning is the promise, the only “message” which the end can ever produce. Initium ut esset homo creatusest - “that a beginning be made man was created” said Augustine. This beginning is guaranteed by each new birth; it is indeed every man. (Arendt, 1990: 531)

ARENDR, H., 1990. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras.